



A televisão no espaço urbano brasileiro (ou dos processos de constituição de sentidos para a TV no Brasil)

Television in the brazilian urban space (or about the processes of meaning making for TV in Brazil)

*Silmara Cristina DELA-SILVA**

Resumo

Este artigo apresenta algumas análises do discurso da imprensa sobre a televisão no Brasil, na década de 1950, detendo-se na relação entre a televisão e o espaço urbano. As reflexões, desenvolvidas com base na Análise de Discurso, buscam apontar os processos de produção de sentidos pelos quais a antena de TV é significada como a presença da televisão no Brasil, e refletir sobre o sujeito telespectador (consumidor) e os processos de desmaterialização da antena na era da TV digital.

Palavras-chave: Análise de Discurso; televisão no Brasil; imprensa; sujeito.

Abstract:

This paper presents some analyses of the press discourse about the television in Brazil, in the 1950s, focusing on the relationship between television and urban space. The analyses have the theoretical background of the Discourse Analysis and aims to identify the process in which the antenna means the presence of the television in Brazil. Furthermore, it also proposes some reflections about the subject as a consumer and the process of dematerialization of the antenna in the discourse about digital TV.

Keywords: Discourse Analysis; television in Brazil; press; subject.

* Professora e pesquisadora do Departamento de Letras e do Programa de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Endereço para correspondência: Universidade Católica de Pernambuco, Laboratório de Linguagem, rua Almeida Cunha, 245, Bloco G4, 7º andar, Setor C4, Boa Vista, Recife-PE, CEP: 50.050-900. E-mail: silmaradela@gmail.com.

A presença da televisão no Brasil é costumeiramente associada a uma imagem: a das antenas de TV que, em muitas situações, materializam o contraste entre a presença da mídia, sobretudo no cenário urbano, em meio a ausências sociais (como moradia adequada, por exemplo). Essa imagem é recorrente desde o final da década de 1970. O cineasta Cacá Diegues, no filme “Bye, bye, Brasil” (1979), já apresentava cenas em que se destacava a proliferação das antenas em pequenos vilarejos da Amazônia, como um indicativo de substituição de manifestações típicas da cultura popular, como a arte circense, pela chamada cultura de massa.

Naquela época, as transmissões televisivas estavam em fase de expansão para todo o território nacional, em uma medida que conciliava os desejos de crescimento comercial das novas empresas de comunicação e os interesses políticos do governo militar de assegurar a unidade do território nacional¹.

A imagem das antenas afirma sentidos diversos sobre a TV e sobre a relação das pessoas com as novas tecnologias. Algumas vezes, elas são tomadas como forma de evidenciar a penetração da TV, mesmo em locais distantes dos grandes centros urbanos; em outras, são mostradas como uma possibilidade de integrar a população de todo o país, e/ou ainda como sinônimo do acesso aos bens de consumo na sociedade brasileira.

Neste artigo, essa reflexão é trazida como forma de questionar o efeito de evidência desses sentidos, a sua naturalização. A questão que se coloca, inicialmente, é por que a imagem da antena é tomada como óbvia afirmação da presença da televisão e/ou da tecnologia no cenário brasileiro. A filiação aos pressupostos teóricos da análise do discurso, proposta por Pêcheux, na década de 1960², na França, e tal como desenvolvida no Brasil por Orlandi (2002, 2001, 1998, 1983), desde a década de 1980, e por diversos pesquisadores na atualidade, direciona para o sentido passível de ser outro, um efeito que se produz sob determinadas condições de produção (PÊCHEUX, 1997, 1997a, 1990). Esse posicionamento aponta para outro ponto de reflexão: como se constitui esse sentido da antena de TV significada como a presença da própria televisão no espaço urbano?

Para buscar compreender esse processo de produção de sentidos, um dos caminhos é o proposto neste artigo: pensar o discurso da imprensa de referência (IMBERT, 1992) sobre o aparecimento da televisão no Brasil e o modo como a imagem da antena na cena urbana brasileira participa dos processos de constituição de sentido

¹ Sobre as transformações econômicas e as mudanças na sociabilidade no Brasil, ver Mello e Novais (1998). Sobre a televisão no Brasil, ver Silva (2002).

² Neste artigo, são consideradas as traduções da obra de Michel Pêcheux, edições de 1997, 1997a e 1990.

para a televisão, mesmo antes de seu efetivo funcionamento no país. Tais reflexões são iniciadas em Dela-Silva (2008), ao tratar do acontecimento discursivo da televisão no Brasil, e estão relacionadas de modo mais específico à análise da relação entre o verbal e o não-verbal no discurso da imprensa sobre a televisão³, à época de instalação das primeiras emissoras televisivas no país e do início de suas transmissões nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, em 1950/1951⁴.

Para pensar os processos de constituição de sentidos para a televisão, por meio de sua inscrição no espaço urbano brasileiro, serão apresentadas algumas análises de recortes de textos e fotografias que compõem duas reportagens publicadas pela revista *O Cruzeiro*, em 1950, que tratam da instalação dos equipamentos para inauguração de emissoras de TV no Rio de Janeiro e em São Paulo. Paralelamente, serão incorporados às análises recortes de outros textos jornalísticos publicados à época e também na atualidade, de forma a possibilitar a compreensão dos processos discursivos em questão.

Por meio do embate entre descrição e interpretação, e dos conceitos teóricos de condições de produção (PÊCHEUX, 1997a), silêncio (ORLANDI, 2002), e paráfrase e polissemia (*Idem*, 1998), a análise busca compreender como são produzidos os sentidos que promovem a inscrição da TV na cidade e o seu pertencimento ao país. As análises encaminham ainda reflexões acerca dos sentidos que se constituem também para o sujeito telespectador e, ao final, propiciam a exposição de questões a respeito do discurso da imprensa sobre a mídia na atualidade, quando da instalação da televisão digital no país.

A TELEVISÃO E A CIDADE: AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO

Desde o final da década de 1940, a imprensa brasileira de referência⁵ fala sobre a televisão no Brasil e, de formas diversas, participa dos processos de constituição de sentidos para a TV. Dentre esses modos de constituir sentidos para a televisão, marcados no fio do discurso da imprensa brasileira daquela época, um deles interessa

³ As discussões que deram origem a este artigo foram apresentadas no GT Análise do Discurso, no encontro da Associação Nacional de Pós-graduação em Letras e Linguística (Anpoll), realizado em Goiânia, em julho de 2008.

⁴ De acordo com os registros na história das comunicações no Brasil, as transmissões regulares de televisão em São Paulo têm início em setembro de 1950 e, no Rio de Janeiro, em fevereiro de 1951. O corpus de análise mostra, no entanto, que os procedimentos de instalação daquelas que seriam as primeiras emissoras de TV nessas capitais aconteceram simultaneamente, durante o ano de 1950.

⁵ O conceito de “imprensa de referência” é atribuído por Imbert (1992) aos órgãos de imprensa com reconhecida importância na formação e conformação da opinião pública, seja em âmbito nacional ou internacional.

particularmente neste artigo: aquele que promove a inscrição da TV no espaço urbano brasileiro.

Para a análise deste discurso, no entanto, faz-se necessário considerar as suas condições de produção. A observação das condições de produção para a análise discursiva é proposta por M. Pêcheux desde o início dos trabalhos em Análise de Discurso, em 1969 (PECHÊUX, 1997a). Por condições de produção compreende-se, nesta perspectiva teórica, os sujeitos, a memória discursiva, enquanto interdiscurso, e o contexto (imediate e amplo) relacionados à prática discursiva analisada.

A análise das condições de produção do discurso sobre a televisão mostra que, à época de suas primeiras transmissões, as emissoras encontravam-se nas grandes cidades brasileiras, que se constituíam desde a década de 1930, e cujos sentidos como área urbana permaneciam em movimento, na tensão entre o discurso sobre a cidade e o discurso sobre o campo⁶. Assim, falar sobre a “televisão no Brasil” é falar de uma pequena parte do país com TV e que, apesar disso, é considerada simbólica e imaginariamente como a totalidade do Brasil e dos brasileiros, conforme mostram as análises, apresentadas na próxima seção.

As condições de produção do discurso da imprensa aqui analisado, mais especificamente quanto às situações amplas e imediatas, apontam para a produção discursiva em um momento histórico de constituição das cidades como espaços de desenvolvimento e prosperidade, uma consequência da transformação das metrópoles em espaços modernos. A formação discursiva da modernidade e da modernização dos espaços urbanos se constitui nas metrópoles brasileiras a partir do início do século XX, em decorrência de um dizer sobre a modernidade vigente na Europa, durante a segunda metade do século XIX.

O movimento de modernização das cidades européias tem como marco inicial a reforma urbana, realizada em Paris por Haussmann, entre 1853 e 1869. No contexto europeu, a reforma, que compreende medidas de higienização, embelezamento e racionalização do espaço urbano, promove a transição da Paris com características medievais àquela tomada como representativa do conceito de cidade moderna (BERMAN, 1990). No contexto citadino, o discurso da necessidade de modernização do espaço urbano se estende a todas as grandes metrópoles. Nos termos de Berman (1990, p. 147): “Por volta de 1880, os padrões de Haussmann foram universalmente

⁶ Em análise discursiva das imagens urbanas sobre o campo, Payer (1996) aponta a necessidade de tempo de significação dos sujeitos da cidade e do campo no processo de urbanização brasileira. A movimentação dos sentidos é atribuída pela autora, em suas análises sobre os processos de retrospectiva e estereotipia no dizer sobre o rural à aceleração no processo de migração urbana, ocorrida no Brasil entre os anos de 1930 e 1950.

aclamados como verdadeiro modelo do urbanismo moderno. Como tal, logo passou a ser reproduzido em cidades de crescimento emergente”.

No Brasil, uma reforma urbana é realizada no Rio de Janeiro, entre os anos de 1903 e 1906, com a adoção de medidas sanitárias e a construção de avenidas, de forma a atender ao desejo de modernização da cidade (FOLLIS, 2004). Em São Paulo, onde se concentravam os recursos da expansão cafeeira, os investimentos na construção de ruas e prédios, e em processos de higienização do espaço urbano são constantes desde 1880.

O discurso da necessidade de modernização traz também a proposta de verticalização dos imóveis, de forma a ocupar espaços já restritos nas regiões centrais das grandes cidades. Segundo os registros da administração municipal (SÃO PAULO, s/d), o processo de verticalização em São Paulo tem início por volta de 1910, e manifesta-se de forma mais intensa a partir de 1920, com o objetivo de otimizar os terrenos comerciais disponíveis no centro da cidade, uma área supervalorizada. Duas décadas depois, a tendência à construção de edifícios se estende aos imóveis residenciais e passa a ocupar áreas ao redor da região central.

Um dos marcos desse processo de verticalização das cidades, em São Paulo, é a construção do edifício do Banco do Estado de São Paulo (Banespa). Inaugurado em 27 de junho de 1947, três anos antes do início das transmissões televisivas em São Paulo, o prédio do Banespa materializa os sentidos da urbanização e da modernidade paulistanas. O edifício, cuja construção teve início em 1939, ocupa um dos pontos altos da região central paulistana, e a influência de outras metrópoles em sua concepção manifesta-se já em sua estrutura, inspirada no *Empire State Building*, em Nova York, construído em 1931.

A valorização das cidades é acompanhada ainda de dois movimentos que alteram as relações no espaço urbano: o crescimento da industrialização e a migração das zonas rurais para as urbanas, sobretudo para as grandes cidades⁷. Diante de tais condições de produção, são alteradas as relações humanas com o espaço urbano e, conseqüentemente, as formações imaginárias sobre a cidade. Ao espaço urbano, associam-se as imagens de desenvolvimento científico, trazido pela injunção ao

7 A década de 1950 é marcada pelo processo de urbanização brasileira, um processo considerado tardio em relação aos países europeus (SANTOS, 1996). O abandono ao campo é crescente em decorrência do investimento no desenvolvimento industrial, e com isso as cidades começam a ganhar população. Neste contexto, o espaço cidade constitui-se, em oposição ao campo, e significa o futuro em contraponto ao passado rural do país. O futuro está nas indústrias, incentivadas no período pós-segunda guerra mundial, e não na produção agrícola, que havia sido privilegiada historicamente. É o cenário urbano em destaque. Um estudo discursivo sobre as relações da presença do campo no discurso urbano é realizado por Payer (2001; 1996).

moderno; tais sentidos se constituem em oposição a outros, como a valorização do rural, por exemplo.

As condições de produção do discurso sobre a televisão apresentam os espaços físico e geográfico de instalação dessas primeiras emissoras de TV – as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro – como locais de desenvolvimento, responsáveis por inserir o Brasil dentre os países desenvolvidos. Tal desenvolvimento é significado pela presença da antena de TV no alto da torre do prédio do Banespa, no centro da capital paulista, e no topo do Pão de Açúcar, um dos principais atrativos turísticos da cidade do Rio de Janeiro. A materialização das antenas no prédio considerado símbolo da urbanização e das configurações modernas adquiridas pela metrópole São Paulo e também no Pão de Açúcar faz ressoar o sentido da televisão como parte do cenário urbano, característico do desenvolvimento do país, como indicam as análises apresentadas na próxima seção.

A TELEVISÃO NA CIDADE: ALGUMAS ANÁLISES

A especificação do espaço da cidade no dizer sobre a TV marca-se no discurso da imprensa brasileira sobre a televisão a partir de meados do ano de 1950, quando efetivamente tem início a instalação dos equipamentos, em São Paulo e no Rio de Janeiro, para a realização das primeiras transmissões televisivas. A relação da TV com o espaço urbano é estabelecida discursivamente na combinação entre as linguagens verbal e não-verbal, cujo funcionamento sustenta-se na tensão entre paráfrase e polissemia, e no silenciamento de certos sentidos, o que abre espaço para que outros sentidos apareçam sob o efeito da evidência.

Constitutiva dos discursos, a relação entre paráfrase e polissemia, tal como formulada em Orlandi (1998), é a que permite “a fluidez dos sentidos”, por meio do jogo entre o mesmo e o diferente; da repetição do mesmo, no caso dos processos parafrásticos, e de rupturas, deslocamentos nos processos de significação, no caso dos processos polissêmicos. Nos termos de Orlandi (2001, p. 36): “é nesse jogo entre paráfrase e polissemia, entre o mesmo e o diferente, entre o já-dito e o a se dizer que os sujeitos e os sentidos se movimentam, fazem seus percursos, se significam”.

Pelo movimento entre paráfrase e polissemia, alguns sentidos são privilegiados e outros, silenciados, o que coloca a relação do dizer com o não-dito, seja porque é dito de outra forma, seja porque é silenciado, interdito. As formas do silêncio e o seu funcionamento no discurso são abordados em Orlandi (2002), que faz a distinção entre o silêncio fundador e a política do silêncio. Enquanto o silêncio fundador consiste em

uma injunção do dizer, um mecanismo de produção dos sentidos, a política do silêncio representa a interdição de dizeres e de sentidos, o silenciamento.

No caso do discurso jornalístico sobre a televisão, o jogo entre paráfrase e polissemia permite compreender a relação entre o verbal e o não-verbal, que se produz entre os textos e as fotografias que compõem as reportagens na imprensa brasileira. Os discursos produzidos por meio desta relação, em que ora predomina a paráfrase e ora, a polissemia, constituem-se de forma a silenciar outros sentidos que, ainda assim, deixam marcas no dizer.

A relação entre televisão e cidade na imprensa pode ser observada em duas reportagens publicadas pela revista *O Cruzeiro*, uma publicação do grupo “Diários e Emissoras Associados”, responsável pela instalação das primeiras emissoras de televisão nas capitais São Paulo e Rio de Janeiro. As reportagens em questão, com os títulos “A televisão na América do Sul” e “A televisão para milhões”, tratam, respectivamente, da instalação das primeiras emissoras de televisão no Rio de Janeiro e em São Paulo. A revista *O Cruzeiro*, importante publicação jornalística à época, privilegia o dizer sobre a TV em suas páginas desde o ano de 1948, em seus diferentes espaços editoriais. A partir de 1950, esse dizer sobre a televisão ganha ainda mais espaço por meio das chamadas grandes reportagens⁸, produções jornalísticas que caracterizariam a publicação⁹.

Discursivamente, em termos de efeitos de sentido que produzem, as fotografias jornalísticas são aqui analisadas a partir de seu funcionamento, que se dá na relação entre paráfrase e polissemia. A relação entre paráfrase e polissemia pode ser percebida na análise exclusiva do não-verbal, por meio da “leitura” das imagens que podem ou não permitir uma leitura polissêmica, e a produção de muitos sentidos (ou de mais de um); e também na análise conjunta de texto e imagem, da combinação entre as linguagens verbal e não-verbal na produção dos sentidos. Este último é o caso das fotografias empregadas em grandes reportagens, uma vez que os sentidos se produzem na combinação entre imagens, legendas e o verbal do texto jornalístico.

O primeiro ponto de análise é a relação entre as fotografias jornalísticas e o texto verbal da reportagem “A televisão na América do Sul”, publicada pela revista *O*

⁸ O conceito de grande reportagem em jornalismo é trabalho, dentre outros, de Kotscho (1986).

⁹ A revista *O Cruzeiro* é considerada uma precursora dentre as publicações jornalísticas brasileiras por privilegiar o uso de imagens em suas páginas desde o seu lançamento, em 1928, em uma tendência que o jornalismo impresso de forma geral somente adotaria na década de 1960, devido à concorrência com os meios eletrônicos, em especial com a própria televisão. Sobre o fotojornalismo e a sua história, ver: ZANCHETTA JR. (2004) e BAHIA (1990).

Cruzeiro, em 22 de julho de 1950, e que trata dos preparativos para instalação da primeira emissora de televisão no Rio de Janeiro. Nesta primeira reportagem, destaca-se a imagem vertical da parte superior da torre, instalada no alto do Pão de Açúcar, com o céu ao fundo, e a antena em seu percurso de subida ao topo (Imagem 1).

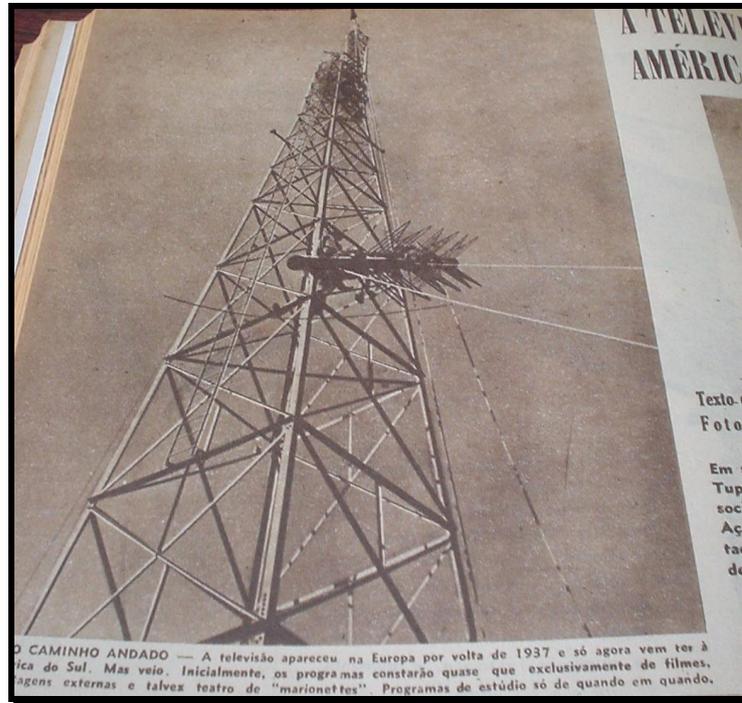


Imagem 1 – *O Cruzeiro*, 22 jul. 1950

Considerando que a fotografia e o título da reportagem são os elementos com maior destaque visual na página e, possivelmente, os primeiros elementos de leitura do texto, pode-se afirmar que a torre e a antena localizadas no alto de um dos pontos turísticos mais famosos da cidade, que apontam para o sentido de início das transmissões televisivas na área urbana da cidade do Rio de Janeiro, é significada como a presença da televisão no Brasil e na América do Sul, espaço geográfico marcado no título da reportagem.

Por um processo parafrástico, a existência da televisão é reafirmada na legenda que acompanha a imagem 1, apresentada no recorte (1):

(1) MEIO CAMINHO ANDADO – A televisão apareceu na Europa por volta de 1937 e só agora vem ter à América do Sul. Mas veio. Inicialmente, os programas constarão quase que exclusivamente de filmes, reportagens externas e talvez teatro de “marionetes”. Programas de estúdio só de quando em quando. (*O Cruzeiro*, 22.07.1950. Grifos nossos.)

A instalação da antena no Rio de Janeiro, no Pão de Açúcar, é apresentada como o marco inicial das transmissões televisivas no Brasil e na América do Sul. A sentença “Meio caminho andado”, em destaque na legenda, produz tanto um efeito descritivo, como um efeito informativo, de deslocamento dos sentidos que se estabelecem no conjunto título e fotografia. Em seu efeito de sentido descritivo, a sentença reafirma o processo de instalação da antena no alto da torre, uma vez que a foto coloca em primeiro plano a torre, com a antena sendo erguida em direção ao topo, estando ainda no que aparentemente seria a metade do percurso de subida. A ruptura com o sentido, por sua vez, aponta para o fato de que a televisão ainda não existe no Brasil, uma vez que não existem receptores ou transmissões, sejam regulares ou esporádicas. A instalação da torre e da antena, no entanto, representaria parte dos procedimentos necessários para o seu funcionamento.

Na tensão entre os processos prafrástico e polissêmico, a presença da torre com a antena na paisagem característica do Rio de Janeiro encaminha para o sentido de existência da TV no país. No fio do discurso, o predomínio da paráfrase entre verbal e não-verbal é marcado pela expressão “mas veio”, que se refere à chegada da televisão como um acontecimento e que, em concordância com o não-verbal, que coloca em destaque a torre com a antena sob o céu, aponta para a grandiosidade do equipamento e da própria instalação da TV.

O jogo entre paráfrase e polissemia, ao mesmo tempo em que integra a televisão à paisagem do Rio de Janeiro em julho de 1950, ainda que as transmissões de televisão só fossem iniciadas na cidade no começo de 1951, silencia a necessidade de aparelhos receptores para que ela de fato ganhasse existência no país. Para que a televisão, que passa a ser significada pela presença da antena no alto do Pão de Açúcar, produza o sentido evidente de existência naquele espaço urbano, faz-se necessário que outros sentidos, como os da necessidade de transmissões regulares e de aquisição de equipamentos para a recepção dos sinais, sejam silenciados.

Uma segunda foto (Imagem 2), que se posiciona entre o título e a linha fina da matéria, no alto da página, é composta por um *close* do sistema de iluminação instalado no topo da antena, acompanhado da legenda descritiva: “A iluminação obrigatória da parte superior da antena”, reiterando o sentido da presença da antena como imaginariamente a presença da televisão.



Imagem 2 – *O Cruzeiro*, 22 jul. 1950

Um segundo ponto de análise é marcado no fio do discurso pela oposição entre ciência e religião, na definição do local para a instalação da antena de TV no Rio de Janeiro. A tensão entre os discursos religioso e da ciência, sendo este último o lugar de dizer sobre a televisão, conforme a revista, marca-se pela interdição da instalação da torre e da antena de TV no morro do Corcovado, como mostra o recorte (2):

(2) ... a primeira providência a tomar é a de encarapitar-se o transmissor no cume de alguma montanha, a fim de abranger a maior área possível de recepção. Topograficamente falando encontraríamos a situação ideal no Corcovado, ali mesmo onde se acha a estátua do Cristo Redentor. Sucede, porém, que a Ciência e a Igreja nunca mantiveram boas relações, de tal modo que exatamente como acontecia na Idade Média, os engenheiros supervisores de montagem acabaram por conformar-se com o Pão de Açúcar, que tem apenas a metade da altura. (*O Cruzeiro*, 22.07.1950. Grifos nossos.)

A oposição entre o discurso da modernidade, do desenvolvimento científico e tecnológico em que se insere o dizer sobre a televisão e o discurso religioso é marcado pela expressão “Idade Média” no texto da revista. A resistência da Igreja por meio da proibição de se instalar a torre e a antena de TV no alto do Corcovado, local mantido pela Arquidiocese do Rio de Janeiro, é associado a uma atitude “medieval”, enquanto a

televisão, simbolizada pela antena na cidade, apresenta-se como a modernidade, o futuro desenvolvimentista do país.

A associação da televisão ao discurso científico, em oposição ao religioso, aponta para a inscrição da TV em um discurso da modernidade, do desenvolvimento técnico-científico que deve ser trazido ao país. Ao inscrever a “televisão no Brasil” na cidade como um espaço de significação, o processo de produção de sentidos para o espaço geográfico não se restringe à significação de uma cidade em particular. Trata-se da cidade considerada enquanto contexto urbano, a cidade em sua relação com a modernidade e o desenvolvimento do país.

A constituição imaginária da TV como símbolo do desenvolvimento do país é reafirmada em outra reportagem, intitulada “A televisão funcionando”, publicada em agosto de 1950, que trata das primeiras transmissões televisivas realizadas em São Paulo. Da mesma forma que nos recortes anteriores, que tratava da instalação de emissora de TV no Rio de Janeiro, no dizer sobre a televisão em São Paulo, a televisão é predicada como de todo o Brasil e da América do Sul, como é possível observar no recorte (3):

(3) Tornou-se uma realidade, afinal, a televisão no Brasil. Ou melhor, na América do Sul. Há cerca de quinze dias atrás, a audição de José Mojica no Museu de Arte de São Paulo foi reproduzida para o público paulista pela televisão, e dessa forma coube à capital paulista o privilégio, neste continente, de empregar a mais maravilhosa invenção do século, na transmissão de um programa de auditório. (O Cruzeiro, 12.08.1950. Grifos nossos.)

Embora as primeiras transmissões de TV tenham sido realizadas para a capital paulista, a realidade que se anuncia é “a televisão no Brasil” e “na América do Sul”. A cidade de São Paulo, neste caso, é significada como representante do Brasil e da América do Sul, o que direciona certos sentidos para a cidade em detrimento a outros possíveis: cidade significa o país e até mesmo o continente sul-americano, e não os limites geográficos da capital paulista, onde de fato ocorreram as primeiras transmissões.

A relação com o cenário urbano da cidade de São Paulo também é evocada por meio do não-verbal, em reportagem publicada em 28 de outubro de 1950. Praticamente elaborada nos mesmos moldes que aquela que tratava da instalação da antena de TV no Rio de Janeiro, a reportagem, com o título “A televisão para milhões”, apresenta em sua primeira página, imagens que colocam em primeiro plano a antena de televisão e o seu

local de instalação: o prédio do Banco do Estado, no centro da capital paulista. A primeira foto, exposta no alto da página, abaixo do título da reportagem, traz a imagem da antena instalada no alto do prédio e o seu posicionamento aponta para o lado esquerdo da página, onde se encontra a foto principal, com o prédio em primeiro plano (Imagem 3).



Imagem 3 – *O Cruzeiro*, 28 out. 1950

Presença marcante do cenário urbano paulista, o edifício destaca-se na cena urbana, sobretudo, por sua posição vertical, evidenciada pela foto, que o coloca em relação parafrástica com a imagem da torre instalada no Pão de Açúcar. A imagem da antena (Imagem 4) a apontar para a foto do prédio (Imagem 3) traz a discursividade da televisão como presença na cidade, naquele contexto urbano, e se coloca em relação parafrástica com o verbal do título da reportagem: “A televisão para milhões”.



Imagem 4 – *O Cruzeiro*, 28 out. 1950

A grandiosidade do projeto televisão é expressa ainda em duas outras fotos (Imagem 5) que ocupam a parte inferior da mesma página. Na primeira imagem, há uma tomada da antena a partir do interior do edifício, que permite a visualização da antena no alto do prédio, com o céu ao fundo. Como nos closes da antena e da torre, presentes na reportagem sobre a instalação dos equipamentos no Rio de Janeiro, a foto coloca em destaque a estrutura de metal da antena, neste caso reafirmada pelo verbal, na legenda: “DUAS TONELADAS no cimo do prédio”.



Imagem 5 – *O Cruzeiro*, 28 out. 1950

A grandiosidade da televisão e de seus equipamentos também é expressa na segunda foto, em que se destaca um microfone muito maior que os dois homens que o apoiam, acompanhada da legenda: “O MICROFONE tem um braço retrátil de 7 m de comprimento”. Os sentidos evocados pelo não-verbal são reafirmados pelo conjunto título e linha fina da reportagem, que se destacam junto às fotos que compõem a página [recorte (4)]:

(4) A televisão para milhões

Entregue oficialmente ao povo de São Paulo a PRF-3-TV, primeira estação televisora da América Latina – Em qualquer ponto do centro da Paulicéia pode-se assistir aos programas normais de televisão, através de receptores instalados em centenas de casas comerciais. (*O Cruzeiro*, 28.10.1950. Grifos nossos.)

Em relação parafrática com o não-verbal, o título da reportagem apresenta a televisão como disponível para milhões, que na linha fina são especificados como o “povo de São Paulo”. O sentido de universalidade, no entanto, reafirmado pela concepção de “povo”, passa a ser restringido e deslocado na mesma linha fina, que especifica o local de transmissão dos programas de televisão como “qualquer ponto do centro da Paulicéia”. Não se trata de uma disponibilidade a toda a metrópole, como sugere o emprego da forma “milhões” no título, mas de todos os que possam se dirigir ao centro, considerado o ponto principal do espaço urbano. As análises apontam, assim, para a relação da TV e da cidade com os sujeitos telespectadores, como será observado na próxima seção.

A TELEVISÃO E OS SUJEITOS TELESPECTADORES: NOVOS SENTIDOS PARA A CIDADE

No verbal das reportagens analisadas na seção anterior, o espaço urbano, já significado como o país e a América do Sul, ganha, ainda, novos sentidos na relação com os sujeitos: trata-se da cidade enquanto um conjunto de pessoas que assistiram às transmissões em aparelhos receptores disponibilizados no edifício do grupo de comunicação, um conjunto de pessoas que desloca o sentido de disponibilidade das transmissões de “milhões” para “centenas de pessoas”, como se pode observar nos recortes (5) e (6):

(5) Como não existem aparelhos receptores nos lares dos paulistanos, os engenheiros da RCA Victor colocaram dois desses aparelhos no saguão do edifício dos “Diários Associados”, e transmitiram, lá para baixo, o programa do frei cantor, que estava decorrendo no terceiro andar do edifício. (O Cruzeiro, 12.08.1950. Grifos nossos.)

(6) Hoje, centenas e centenas de pessoas da capital bandeirante podem reivindicar para si a honra de terem sido, na América do Sul, as primeiras a conhecerem a televisão. (O Cruzeiro, 12.08.1950. Grifos nossos.)

Além de apontar a precariedade do projeto de inauguração da primeira emissora de TV no país, os recortes (5) e (6), que integram o verbal do texto jornalístico, encontram-se em processo polissêmico com o não-verbal, apresentado anteriormente, que faz ecoar o dizer da televisão como pertencente ao espaço urbano. A televisão, de fato, não está na cidade, exceto pela presença da antena que a representa e por algumas transmissões realizadas em um ponto restrito, no prédio do grupo proprietário da primeira emissora, assistidas por um grupo de pessoas que passava pelo local naquele momento.

A relação com o espaço urbano aponta também uma disparidade no dizer sobre a televisão; a cidade marca-se pelo perímetro urbano, uma região geográfica sob uma mesma administração. No caso da capital paulista, significada como a primeira cidade a assistir à televisão, cidade representa um aglomerado de pessoas, uma vez que não havia aparelhos receptores em toda a extensão da cidade. Além disso, as transmissões televisivas se dão pelo ar, sem um controle definitivo por barreiras geográficas, o que de fato permite que haja uma previsão do alcance das transmissões, mas não o seu domínio.

O silenciamento sobre a inacessibilidade da televisão, cujos sentidos emergem em momentos de ruptura, com o predomínio de processos polissêmicos no dizer sobre a televisão, também pode ser observado no contraste entre o sentido que se produz para o espaço urbano e os moradores da cidade que de fato têm acesso às transmissões televisivas. A formação imaginária dos telespectadores que possuem televisão na cidade de São Paulo confronta-se com o dizer sobre as “centenas e centenas de pessoas” que acompanharam as transmissões (aquelas que passaram pelo local em que se encontravam os aparelhos receptores), e a afirmação da TV como uma “realidade”, “ao alcance de qualquer um”, como mostra o recorte (7):

(7) Dessa forma, o que há pouco tempo atrás parecia um sonho, somente conhecido através das revistas e do cinema, se converteu numa realidade soberba, ao alcance de qualquer um. (*O Cruzeiro*, 12.08.1950. Grifos nossos.)

A disponibilidade da TV para “qualquer um” é reafirmada pelo livre acesso assegurado pela presença de aparelhos receptores instalados em pontos comerciais, como marcado no recorte (8):

(8) Centenas de aparelhos receptores foram instalados nas vitrinas dos grandes estabelecimentos comerciais, e nas prateleiras dos bares, cafés e confeitarias. Diante desses receptores, há sempre uma pequena multidão de espectadores... (*O Cruzeiro*, 12.08.1950. Grifos nossos.)

A formação imaginária do sujeito telespectador, no entanto, aquele que de fato pode assistir à televisão por possuir acesso a aparelhos receptores, é expressa no recorte (9), que associa a TV a um produto destinado a um segmento social específico e não da coletividade, como anunciam os títulos das reportagens aqui analisadas:

(9) Hoje, na Paulicéia, entre as elegantes da sociedade, existe uma nova fórmula de convite, para os encontros da tarde: Célia Maria telefona para Maria da Glória dizendo: - “Venha tomar chá comigo e assistir à televisão”. (*O Cruzeiro*, 12.08.1950. Grifos nossos.)

A imagem da mulher que recebe as amigas ao final da tarde, associada a integrantes das famílias mais tradicionais, é combinada à moderna tecnologia que representa a televisão, associada ao chá oferecido nos encontros nas residências mais abastadas. A tensão entre paráfrase e polissemia constitui, assim, a imagem do telespectador de televisão: trata-se de um público específico, que possui os receptores de TV em casa, ainda que o novo equipamento seja verbalizado explicitamente como disponível a toda a população, a todo o povo, sentido este reafirmado pela presença da antena em pontos de destaque do espaço urbano. O sujeito telespectador é, assim, o sujeito consumidor, aquele que inicialmente estabelece a relação de consumo com o aparelho de televisão para, posteriormente, consumir os produtos ofertados em sua programação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: DA ANTENA À TELEVISÃO DIGITAL

Neste percurso em busca de compreender o processo de constituição de sentidos para a televisão no Brasil, a partir da presença da antena de transmissão no espaço urbano, pode-se observar a constituição de sentidos não somente para a própria antena, como também para a televisão, os telespectadores e a própria cidade. Quanto à antena, ela é apresentada pela revista *O Cruzeiro*, primeira publicação impressa a falar sobre a televisão no Brasil (em consequência de suas condições de produção: uma publicação do grupo responsável pela instalação das primeiras emissoras de TV no país), como a materialização da TV no espaço urbano das capitais São Paulo e Rio de Janeiro. É pela existência material da antena em pontos importantes das duas capitais que se reitera a presença da televisão no país e na América do Sul, ainda que, de fato, as primeiras transmissões regulares ocorressem somente meses após esse processo de instalação das antenas, e o acesso a tais transmissões fosse absolutamente restrito em um primeiro momento.

Para a televisão, destacam-se os sentidos de uma nova tecnologia, representativa da modernidade do país, atrelados ao sentido de disponibilidade: as antenas fazem parte do cenário urbano e produzem o efeito de sentido da televisão imaginariamente presente e disponível a todos. Esta presença e a disponibilidade da televisão direcionam também os sentidos para os sujeitos a quem essa nova tecnologia encontrava-se de fato acessível: os sujeitos telespectadores, mas somente àqueles que também eram consumidores dos aparelhos de TV e de sua programação, e não todos os sujeitos da cidade. É nesse sentido que se instaura a relação da mídia com o consumo, na figura do sujeito telespectador-consumidor, sujeito que se constitui na relação com a mídia e o mercado (PAYER, 2005)¹⁰.

As análises e considerações apresentadas permitem ainda reflexões acerca dos sentidos que se constituem para a cidade enquanto espaço urbano, nesse dizer da imprensa sobre a televisão. A cidade tem o sentido de país, da totalidade do Brasil; a cidade também é significada como a coletividade dos sujeitos urbanos que puderam passar pelos locais públicos de transmissões de televisão para fins de testes, os sujeitos urbanos que ocupam os espaços daquelas grandes cidades e que acompanharam a elevação das antenas em São Paulo e no Rio de Janeiro, ainda que, de fato, somente os

¹⁰ Essas reflexões acerca do sujeito telespectador-consumidor, decorrentes da leitura de Payer (2005), têm início em Dela-Silva (2008) e permanecem em análise nas pesquisas que desenvolvo atualmente, com foco no dizer sobre o sujeito, no discurso midiático sobre a própria mídia.

sujeitos consumidores, com poder de consumo, pudessem ser significados como telespectadores naquele momento histórico.

Todos esses sentidos se constituem nesse movimento de instalação da antena de TV naquelas capitais, em 1950, e permitem afirmar que, como nos processos de produção de sentidos, nada há de natural na associação entre a existência material de antenas no cenário urbano e a presença de transmissões televisivas. Trata-se de um sentido construído, um sentido que está associado aos discursos da imprensa sobre a própria mídia e que permanece em circulação.

Esse mesmo discurso da imprensa sobre a mídia parece, na atualidade, promover o deslocamento da evidência do sentido da antena como presença da televisão. Em época de televisão digital, as antenas começam a “des-ocupar” o espaço urbano das grandes cidades brasileiras, em um movimento oposto àquele de constituição de sentidos para a televisão, na década de 1950. A presença da televisão digital se afirma pela desmaterialização das antenas, pela sua ausência, uma vez que os processos de transmissão agora exigem equipamentos de outra ordem, que captam sinais via satélite.

Apesar disso, o dizer da imprensa sobre a televisão digital continua a se marcar pela referência à cidade, enquanto o espaço de disponibilidade do novo serviço, como se pode observar no recorte 10, que apresenta algumas das referências para o verbete “televisão digital no Brasil”, disponível no *site* da *Wikipédia*:

(10) Televisão Digital é antecipada em Belo Horizonte
Televisão Digital chega à Belo Horizonte e ao Rio de Janeiro através da RedeTV!
Globo inicia transmissões no Rio
Globo passa a transmitir sinal digital na Bahia
Campinas será a primeira cidade com TV digital longe das capitais
TV digital chega a MT em 16 de dezembro
TV Digital chega a Uberlândia
Sinal da TV Digital chega a mais 5 cidades brasileiras em março
Rede Globo inicia transmissão digital em Brasília

Ministro das Comunicações vem a MS para lançamento da TV Digital
Fortaleza inicia as transmissões
TV Digital chega aos municípios paulistas de Sorocaba e Mogi das Cruzes
Joinville inaugura era de imagens e som em alta definição na região Norte de SC
TV Digital chega a Aracaju
“O que é TV digital e quando ela chega à minha cidade”
(Televisão digital no Brasil. Referências. *Wikipédia*. Grifos nossos.)

Essa amostra dos títulos de notícias sobre a televisão digital no Brasil, publicados em diversos *sites* de notícias e utilizados como referência para a redação do verbete “televisão digital no Brasil”, na enciclopédia livre *Wikipédia*, mostra a relação que ainda permanece entre a televisão, agora digital, e a cidade enquanto espaço urbano. São marcas dessa relação nos títulos os nomes de cidades, de Estados e menção a diversas regiões do país, bem como a expressão “minha cidade”, que traz a indagação do sujeito telespectador sobre a disponibilidade da TV digital em seu local de residência.

Também nesse caso, a cidade é o espaço em que se encontra disponível a televisão digital, ainda que tais transmissões dependam da aquisição de aparelhos próprios à captação dos sinais transmitidos por essa nova modalidade, como se observa no recorte (11), extraído de uma reportagem especial sobre o lançamento da televisão digital no Brasil, posto em circulação em dezembro de 2007:

(11) A transmissão digital começa hoje na Grande São Paulo, mas o comércio não está bem preparado para atender aos consumidores que querem contar com a tecnologia já na primeira exibição. (...) Os conversores – que permitem que as TVs já disponíveis no mercado recebam o sinal digital – começaram a ser vendidos apenas poucos dias antes do início da transmissão. (*Folha de S. Paulo*, 02 dez. 2007. Grifos nossos.)

No fio do discurso, a nomeação dos sujeitos telespectadores como “consumidores” e a existência de “conversores” à venda no mercado brasileiro marcam a necessidade da relação de consumo para o acesso à televisão digital. Assim, resignifica-se também o sujeito telespectador consumidor: não basta estar na cidade para ter acesso; faz-se necessário comprar alguns aparelhos específicos para assistir ao que já está disponível. Nesta contradição, entre estar disponível na cidade e, simultaneamente, não ser acessível ao sujeito telespectador ou sequer visível na cena urbana, parece que se inscrevem os sentidos sobre a televisão digital no país, ancorado na memória do dizer sobre a própria televisão no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAHIA, J. *Jornal, história e técnica: história da imprensa brasileira*. São Paulo: Ática, 1990.

BERMAN, M. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. 8. ed. São Paulo: Schwarcz, 1990.

DELA-SILVA, S.C. *O acontecimento discursivo da televisão no Brasil: a imprensa na constituição da TV como grande mídia*. 2008. 225 p. Tese (Doutorado) Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2008.

FOLLIS, F. *Modernização urbana na Belle Époque paulista*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2004.

IMBERT, G. *Los Escenarios de la Violência: Conducas Anónimas y Orden Social en la España Actual*. Barcelona: Icaria, 1992.

KOTSCHO, R. *A prática da reportagem*. São Paulo: Ática, 1986.

MELLO, J.M.C.; NOVAIS, F.A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: NOVAIS, F.A. (Coord.). SCHWARCZ, L.M. (Org.). *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 559-658.

ORLANDI, E.P. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 5 ed. Campinas-SP: Ed. da Unicamp, 2002.

_____. *Análise de discurso. Princípios e procedimentos*. 3 ed., Campinas: Pontes, 2001.

_____. Paráfrase e polissemia: a fluidez nos limites do simbólico. *RUA*, Campinas, 1998, p. 9-19,.

_____. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas: Pontes, 1983.

PAYER, O. Linguagem e sociedade contemporânea – sujeito, mídia e mercado. *RUA*, Campinas. n. 11, , 2005, p. 9-25.

_____. O rural no espaço público urbano. In: ORLANDI, E.P. (Org.) *Cidade atravessada: Os sentidos públicos no espaço urbano*. Campinas: Pontes, 2001.

_____. Retrospecção e estereotipia. Imagens urbanas sobre o campo. *RUA*, Campinas, 1996, 2: 83-101.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

_____. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). (1969) *Por uma análise automática do discurso*. 3 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997a.

-
- _____. *O discurso: Estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1990.
- SANTOS, M. *A urbanização brasileira*. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SÃO PAULO (CIDADE) - *São Paulo: Crise e Mudança*. 2 ed. São Paulo, Prefeitura do Município de São Paulo /Editora Brasiliense, s/d.
- SILVA, T.D. *A televisão brasileira: a comunicação institucionalizada*. 2002. 285p. Tese (doutorado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.. Campinas-SP, 2002.
- ZANCHETTA JÚNIOR, J. *Imprensa escrita e telejornal*. São Paulo: Unesp, 2004.

MATERIAL DE ANÁLISE

- MELLO, Fernando A. Bandeira de. A televisão na América do Sul. *O Cruzeiro*, 22 jul. 1950. Acervo da Hemeroteca de São José do Rio Preto-SP. (fotos de Douglas Alexandre)
- SILVA, Arlindo. A televisão para milhões. *O Cruzeiro*, 28 out. 1950. Acervo da Hemeroteca de São José do Rio Preto-SP. (Fotos de Peter Scheler).
- A TELEVISÃO funcionando. *O Cruzeiro*, 12 ago. 1950. Acervo da Hemeroteca de São José do Rio Preto-SP.
- SEDEH, V. Na estréia, falta televisor com conversor embutido à venda. *Folha de S. Paulo*, 02 dez. 2007. (Caderno Especial Televisão Digital).
- Televisão digital no Brasil. Referências. *Wikipédia*. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Televis%C3%A3o_digital_no_Brasil. Acesso em: 27 mar. 2010.

Data de Recebimento: 29/03/2010
Data de Aprovação: 10/11/2010

Para citar essa obra:

DELA-SILVA, Silmara Cristina. *A televisão no espaço urbano brasileiro (ou dos processos de constituição de sentidos para a TV no Brasil)*. RUA [online]. 2010, no. 16.

Volume 2 - ISSN 1413-2109

Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade

<http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>

Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB
Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

<http://www.labeurb.unicamp.br/>

Endereço:

Rua Caio Graco Prado, 70

Cidade Universitária “Zeferino Vaz” – Barão Geraldo

13083-892 – Campinas-SP – Brasil

Telefone/Fax: (+55 19) 3521-7900

Contato: <http://www.labeurb.unicamp.br/contato>